

# SUMÁRIO

Língua Portuguesa.....	9
Matemática.....	61
Raciocínio Lógico-Matemático.....	117
Informática .....	139
Administração Geral .....	181
Direito Constitucional.....	203
Direito Administrativo.....	267
Direito Penal.....	305
Direito Processual Penal.....	347
Direito Civil.....	387
Direito Processual Civil .....	427
Direito do Trabalho .....	461
Direito Processual do Trabalho.....	497
Direitos das Pessoas com Deficiência .....	529
Ética no Serviço Público .....	543

**1. (POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – SOLDADO PM 2.ª CLASSE – VUNESP – 2017)**

**“Efeito Google” muda uso da memória humana**

Pense rápido: qual o número de telefone da casa em que morou quando era criança? E o celular das pessoas com quem tem trocado mensagens recentemente? Por certo, foi mais fácil responder à primeira pergunta do que à segunda – mas você não está sozinho. Estudos científicos chamam esse fenômeno de “efeito Google” ou “amnésia digital”, um sintoma de um comportamento cada vez mais comum: o de confiar o armazenamento de dados importantes aos nossos dispositivos eletrônicos e à internet em vez de guardá-los na cabeça.

Na internet, basta um clique para vasculhar um sem-número de informações. Segundo Adrian F. Ward, da Universidade de Austin, nos Estados Unidos, o acesso rápido e a quantidade de textos fazem com que o cérebro humano não considere útil gravar esses dados, uma vez que é fácil encontrá-los de novo rapidamente. “É como quando consultamos o telefone de uma loja: após discar e fazer a ligação, não precisamos mais dele”, explica Paulo Bertolucci, da Unifesp.

É o que mostra também uma pesquisa recente conduzida pela empresa de segurança digital Kaspersky, realizada com 6 mil pessoas em países da União Europeia. Ao receberem uma questão, 57% dos entrevistados tentam sugerir uma resposta sozinhos, mas 36% usam a internet para elaborar sua resposta. Além disso, 24% de todos os entrevistados admitiram esquecer a informação logo após utilizá-la para responder à pergunta – o que gerou a expressão “amnésia digital”.

Para Bertolucci, no entanto, o conceito é incorreto. “Amnésia significa esquecer-se de algo; na ‘amnésia digital’, a pessoa não chega nem a aprender e, portanto, não consegue esquecer algo que escolheu nem lembrar.”

(Bruno Capelas. *O Estado de S. Paulo*, 06 de jun. de 2016. Adaptado)

De acordo com o texto, “efeito Google” ou “amnésia digital” refere-se

- a) ao apagamento da memória de longo prazo devido ao armazenamento de dados em dispositivos eletrônicos.
- b) à dificuldade de quem tem lapsos de memória em aprender conteúdos novos por meio de ambientes virtuais.
- c) à tendência de deixar de memorizar informações acessadas facilmente por meio de aparatos eletrônicos.
- d) à memorização parcial de dados obtidos por meio da internet, o que acarreta um déficit de atenção.
- e) ao esquecimento provisório de dados, em virtude do excesso de informações disponíveis nos meios virtuais.

**2. (POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – SOLDADO PM 2.ª CLASSE – VUNESP – 2017)** A pesquisa da Kaspersky revelou que

- a) uma parte significativa dos entrevistados consultou a internet para responder à pergunta.
- b) uma parte irrelevante dos entrevistados foi capaz de responder à questão sem recorrer à internet.

- c) os entrevistados demonstraram distúrbios de atenção e de aprendizado após serem expostos à internet.
- d) cerca de um quarto dos entrevistados que acessaram a internet desconhecia o propósito da pesquisa.
- e) a maior parte dos entrevistados foi incapaz de responder à pergunta sem o auxílio da internet.

**3. (POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – SOLDADO PM 2.ª CLASSE – VUNESP – 2017)** Para Bertolucci, o conceito “*amnésia digital*” é incorreto porque

- a) o esquecimento digital é temporário.
- b) as lembranças são parcialmente retidas.
- c) a amnésia pressupõe aprendizado.
- d) a amnésia é uma enfermidade muito grave.
- e) as pessoas não esquecem o que lhes foi útil.

**4. (POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – SOLDADO PM 2.ª CLASSE – VUNESP – 2017)**

**3 maneiras de melhorar sua memória comprovadas pela ciência**

Está se sentindo esquecido? Vale testar as dicas que separamos, baseadas na ciência, para recuperar o controle sobre sua memória.

Primeiro, associe suas memórias com objetos físicos. Você já deve ter passado por este problema: acabou de ser apresentado a alguém e, assim que a pessoa vira as costas, já esqueceu como ela se chama. Acontece – mas é extremamente embaraçoso precisar perguntar o nome dela novamente. A dica é associar o nome a algum objeto. Por exemplo, se você acabou de conhecer a Giovana e ela estava próxima a uma janela, pense nela como a Giovana da Janela.

Segundo, não memorize apenas por repetição. Ao ver ou participar de apresentações, você deve ter sentido isto: é muito claro quando alguém apenas decorou o que devia falar. Mas basta acontecer alguma mudança no roteiro para que a pessoa se perca. Memorizar algo de fato depende de compreensão. Então, ao pensar em falas e apresentações, tente entender o conceito todo ao redor do que você está falando. Pesquisas mostram que apenas a repetição automática pode até impedir que você entenda o que está expondo.

Terceiro, rabisque! Estudos indicam que rabiscar enquanto “ingerimos” informações não visuais (em aulas, por exemplo) aumenta a capacidade de nossa memória. Uma pesquisa de 2009 mostrou que pessoas que rabisavam enquanto ouviam uma lista de nomes lembravam 29% a mais os nomes ditos.

(Luciana Galastri. *Revista Galileu*, 03.02.2015.  
<<http://revistagalileu.globo.com>>. Adaptado)

Uma afirmação condizente com as informações do texto é:

- a) substituir os nomes das pessoas por apelidos inusitados melhora a memorização.
- b) a fim de reter uma informação, é preciso repeti-la até alcançar seu entendimento.
- c) a primeira recomendação para memorizar envolve raciocínio associativo.
- d) o aprendizado dos conteúdos abstratos prescinde de sua memorização.
- e) é obrigatório tomar nota por escrito das informações não visuais para memorizá-las.

## 5. (POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – SOLDADO PM 2.ª CLASSE – VUNESP – 2017)

### Autobiografia e memória

Rita Lee acaba de publicar um livro delicioso, que chamou de Uma autobiografia. É uma narrativa, na primeira pessoa, de sua vida como mulher e cantora, escrita com humor e franqueza incomuns em artistas brasileiros do seu porte.

Exemplos. Foi presa grávida e salva por Elis Regina de abortar. Teve LPs lançados com faixas riscadas a tesoura pela Censura.

É um apanhado e tanto, com final feliz. Mas será uma “autobiografia”? Supõe-se que uma autobiografia seja uma biografia escrita pela própria pessoa, não? E será, mas só se ela usar as armas de um biógrafo, entre as quais ouvir um mínimo de 200 fontes de informações. Na verdade, a “autobiografia”, entre nós, é mais uma memória, em que o autor ouve apenas a si mesmo.

Não há nenhum mal nisto, e eu gostaria que mais cantores publicassem suas memórias. Mas só uma biografia de verdade oferece o quadro completo. No livro de Rita, ela fala, por exemplo, de um show na gafeira Som de Cristal, em 1968, com os tropicalistas e astros da velha guarda. Na passagem de som, à tarde, Sérgio e Arnaldo, “intencionalmente, ligaram os instrumentos no volume máximo, quase explodindo os vidros da gafeira”, e o veterano cantor Vicente Celestino “lá presente, teve um piripaque”. Fim.

Uma biografia contaria o resto da história – que Celestino foi para o Hotel Normandie, a fim de se preparar para o show, e lá teve o infarto que o matou.

(Ruy Castro. *Folha de S.Paulo*, 26 de nov. de 2016. Adaptado)

A partir da leitura do texto, conclui-se que, para o autor,

- a) a linguagem de Rita Lee é excessivamente informal.
- b) o título do livro de Rita Lee é inadequado.
- c) o discurso de Rita Lee é marcadamente jornalístico.
- d) a leitura do livro de Rita Lee é enfadonha.
- e) a história de Rita Lee é pouco relevante.

## 6. (POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – SOLDADO PM 2.ª CLASSE – VUNESP – 2017) Segundo o autor, a redação de uma biografia

- a) exclui a possibilidade de ser feita pelo próprio biografado.
- b) pressupõe o consentimento legal do personagem biografado.
- c) implica um cuidado especial com a coleta de informações.
- d) requer um convívio factual, íntimo e amistoso com seus personagens.
- e) deve ser delegada a historiadores profissionais gabaritados.

## 7. (PM-SP – SOLDADO DE 2.ª CLASSE – VUNESP – 2017) Leia o texto de Drauzio Varella para responder às questões.

Passei dois anos escrevendo o livro que acabo de terminar. A tarefa não foi realizada em tempo integral, mas nos momentos livres que ainda me restam.

Há escritores que precisam de silêncio, solidão e ambiente adequado para a prática do ofício. Se fosse esperar por essas condições, teria demorado 20 anos para publicá-lo, tempo de vida de que não disponho, infelizmente. Por força da necessidade, aprendi a escrever em qualquer lugar em que haja espaço para sentar com o computador. Por exemplo, nas salas de embarque durante as viagens de bate e volta que sou obrigado a fazer. Consigo me concentrar apesar das vozes esgançadas que anunciam os voos, os atrasos, as trocas de portões, a ordem nas filas, os nomes dos retardatários.

Mal o avião levanta voo, puxo a mesinha e abro o computador. Estou nas nuvens, às portas do paraíso celestial.

O telefone não vai tocar, ninguém me cobrará o texto que prometi, a presença na palestra para a qual fui convidado, os e-mails atrasados.

Minha carreira de escritor começou com "*Estação Carandiru*", publicado quando eu tinha 56 anos. Foi tão grande o prazer de contar aquelas histórias, que senti ódio de mim mesmo por ter vivido meio século sem escrever livros.

A dificuldade vinha da timidez e da autocrítica. Para mim, o que eu escrevesse seria fatalmente comparado com Machado de Assis, Gógol, Faulkner, Joyce, Pushkin, Turgenev ou Dante Alighieri. Depois do que disseram esses e outros gênios, que livro valeria a pena ser escrito?

A resposta encontrei em "*On Writing*", livro que reúne entrevistas e textos de Ernest Hemingway sobre o ato de escrever. Em conversa com um estudante, Hemingway diz que, ao escritor de nossos tempos, cabem duas alternativas: escrever melhor do que os grandes mestres já falecidos ou contar histórias que nunca foram contadas.

De fato, se eu escrevesse melhor do que Machado de Assis, poderia recriar personagens como Dom Casmurro ou descrever com mais poesia o olhar de ressaca de Capitu.

Restava a outra alternativa: a vida numa cadeia com mais de 7.000 presidiários, na cidade de São Paulo, nas últimas décadas do século 20, não poderia ser descrita por Tchekhov, Homero ou pelo padre Antônio Vieira. O médico que atendia pacientes no Carandiru havia dez anos era quem reunia as condições para fazê-lo.

Seguindo o mesmo critério, publiquei outros livros. Às cotoveladas, a literatura abriu espaço em minha agenda.

Há escritores talentosos que se queixam dos tormentos e da angústia inerentes ao processo de criação. Não é o meu caso, escrever só me traz alegria.

Diante da tela do computador, fico atrás das palavras, encontro algumas, apago outras, corrijo, leio e releio até sentir que o texto está pronto. Às vezes, ficou melhor do que eu imaginava. Nesse momento sou invadido por uma sensação de felicidade plena que vai e volta por vários dias.

(<[www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)>. Acesso em: 13 de maio de 2017. Adaptado)

Em seu texto, o autor fala

- a) de seu prazer em escrever.
- b) da dificuldade em publicar o novo livro.
- c) do assunto de seu último livro.
- d) de seus planos para o futuro.
- e) da linguagem usada em seus textos.

**8. (PM-SP – SOLDADO DE 2.ª CLASSE – VUNESP – 2017)** Após ler o livro que reúne entrevistas e textos de Ernest Hemingway sobre o ato de escrever, o autor Drauzio Varella

- a) propôs-se a desenvolver uma escrita tão boa quanto a de Machado de Assis.
- b) procurou reproduzir os estilos de Tchekhov, Homero e padre Antônio Vieira.
- c) dedicou-se a treinar a escrita continuamente até que chegou à perfeição.
- d) convenceu-se de que era capaz de escrever tão bem quanto seus autores preferidos.
- e) resolveu escrever um livro sobre uma história que só cabia a ele contar.

**9. (PM-SP – SOLDADO DE 2.ª CLASSE – VUNESP – 2017)** Ao referir-se à maneira como escreve, o autor demonstra ter

- a) facilidade para se concentrar, mesmo em ambientes barulhentos ou movimentados.
- b) necessidade de um espaço tranquilo e reservado para desenvolver suas histórias.

- c) determinação em adaptar as obras dos mestres da literatura para a realidade atual.
- d) interesse em tratar de assuntos que não se relacionem com o exercício da medicina.
- e) autocritica excessiva, que o impede de ficar plenamente satisfeito com seus textos.

**10. (PM-SP – SOLDADO DE 2.ª CLASSE – VUNESP – 2017)** Ao afirmar – *Estou nas nuvens, às portas do paraíso celestial. O telefone não vai tocar, ninguém me cobrará o texto que prometi, a presença na palestra para a qual fui convidado, os e-mails atrasados.* (4.º parágrafo) –, o autor revela

- a) sua ansiedade por voltar a se comunicar o quanto antes.
- b) seu alívio diante do fato de não ser importunado.
- c) seu receio de não dar conta de concluir suas tarefas.
- d) sua necessidade de estar constantemente conectado.
- e) sua hesitação em decidir o que deve fazer primeiro.

**11. (PM-SP – SOLDADO DE 2.ª CLASSE – VUNESP – 2017)** Com a interrogação – *Depois do que disseram esses e outros gênios, que livro valeria a pena ser escrito?* (6.º parágrafo) –, o autor expressa

- a) a curiosidade em conhecer autores contemporâneos que fossem tão bons quanto os clássicos.
- b) sua certeza de que os livros escritos hoje são cópias malfeitas das obras dos mestres falecidos.
- c) sua determinação em contar histórias que superassem em qualidade as dos mestres da literatura.
- d) seu empenho em colocar em prática o ensinamento colhido nos livros de autores de prestígio.
- e) a desconfiança de escrever algo que não fosse tão bom quanto os textos dos escritores que admirava.

**12. (CÂMARA MUNICIPAL DE DOIS CÓRREGOS-SP – OFICIAL DE ATENDIMENTO E ADMINISTRAÇÃO – VUNESP – 2018)**

Ei, você aí. Se fosse possível apagar da sua memória o que lhe causa dor, você apagaria? Seria perfeito, pois manteríamos tudo de bom e esqueceríamos completamente o ruim.

Mas não, não seria perfeito. E sabe por quê? Porque precisamos das perdas para valorizar os ganhos, o bom precisa do ruim para ser compreendido e vice-versa. Simples assim. Só que geralmente nos agarramos às derrotas e não enxergamos as conquistas. Escondemos as recordações bonitas lá no fundo da gaveta, enquanto carregamos as mágoas agarradas pela mão, para cima e para baixo.

É possível, sim, seguir adiante sem tanta culpa pelo erro e sem o medo de falhar novamente, a partir do momento em que entendemos que as quedas são necessárias para que nos tornemos pessoas mais completas, aptas a resolver problemas e encontrar saídas. Então, passamos a enxergar a dor como um mal necessário. Inclusive, é ela que, muitas vezes, nos tira da inércia e nos impulsiona a reagir.

Usemos as decepções a nosso favor para que nos tornemos grandiosos diante da vida, aptos a receber o que nos mandam e transformar tudo o que vier em aprendizado. É impossível esquecer as tristezas, mas que elas não sejam lembradas a todo instante.

(Karen Curi. *Revista Bula*. [www.revistabula.com](http://www.revistabula.com). Adaptado)